



Medidas de austeridade a aplicar pelo FMI em Portugal “serão duras”

As medidas de austeridade de que o fundo europeu de resgate e o FMI vão aplicar a Portugal serão duras, avisou ontem o homem que o presidente americano Barack Obama nomeou para presidir à comissão de inquérito à crise financeira.

“É difícil imaginar que as medidas de austeridade não sejam duras”, disse Phil Angelides, em declarações à agência Lusa, após um encontro em Bruxelas com eurodeputados.

Angelides, que entregou ao presidente americano, no início do ano, as conclusões da comissão de inquérito, criticou também com dureza o papel das agências de notação financeira na

actual crise. “As agências de ‘rating’ foram centrais para esta crise. Ajudaram a criar a crise (...), não fizeram o trabalho que lhes competia, utilizaram modelos ultrapassados, permitiram que os lucros se tornassem mais importantes que a integridade das suas notações”, afirmou.

“O que fizeram foi inflacionar os ‘ratings’ e depois reduziram-nos muito depressa, por isso criaram os alicerces da crise e aceleraram o declínio”, referiu Angelides, em entrevista à Lusa, acrescentando que os investidores “seguiram cegamente as agências”, em vez de realizarem as suas próprias avaliações.

Angelides, que lidera agora

um fundo de investimentos, alertou também para a importância de Portugal, apesar das medidas de austeridade que aí vêm, não fechar por completo o investimento em actividades que permitam acrescentar valor à economia.

“Mesmo nos piores momentos, é necessário encontrar algumas fatias das receitas do Estado para financiar actividades de investigação e desenvolvimento, capital de investimento em novas indústrias, infra-estruturas e educação, para que exista possibilidade de recuperação”, considerou, em resposta a uma pergunta sobre Portugal da eurodeputada portuguesa Maria da Graça Carvalho. ♦